

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM IOLE DE FREITAS

Maria Hermínia Donato

O sol castigava a Praça XV de Novembro naquela tarde. O calor subia do asfalto, tornando a caminhada do carro até a galeria um desafio. A exposição tomava forma em seu terceiro dia de montagem. Eu havia chegado ali para entrevistar Iole de Freitas.

Conhecia seu nome, sua importância, suas obras, mas nunca a tinha ouvido falar sobre seu trabalho. A expectativa era grande. No entanto, o que seria uma entrevista tomou outro rumo. A conversa se expandiu, ganhou corpo, tornou-se um encontro.

Ao lado de Ana Ligia Petrone, editora da Oxigênio Revista, e de Eucanaã Ferraz, curador da exposição, o que começou como um momento formal se transformou em um diálogo fluido, carregado de generosidade.

Iole abriu espaço para que a conversa seguisse seu próprio curso.

Esse encontro se tornou uma troca, onde palavras e ideias se sobrepujam, e o rigor do pensamento coexistia com a leveza do improviso.

Não fiz apenas uma entrevista; na realidade, foi uma experiência compartilhada.



Foto: Vicente de Mello

▣ Para você, o que significa dizer que arte é invenção e não repetição?

IF – Não sei se a frase é minha, mas eu falo porque acredito nela. A arte não pode ser apenas autoexpressão – isso todo mundo faz, e deve fazer sempre que quiser. Mas quando o trabalho se torna linguagem, quando ele encontra seu prumo dentro do que realmente é essencial para quem o faz, aí acontece a “*magica*”, a invenção.

Eu sempre tive referências fortes, nomes que admiro profundamente. Na dança, por exemplo, via Martha Graham, Mary Wigman, e pensava: “*Como vou mergulhar nesse oceano e criar algo que seja verdadeiramente meu?*” Percebi que seguir roteiros preestabelecidos não me bastava. Não queria apenas repetir gestos que já existiam. Foi essa inquietação que me levou a buscar outros caminhos.

Minha trajetória passou pelo design na Olivetti, em 1970, mas sabia que não era ali que minha invenção aconteceria. A vida foi me levando, minha filha nasceu, e as coisas mudaram. Entendi que o que me move para chegar na invenção é o afeto. Quando esse encharcamento de afeto se junta à busca obsessiva por um resultado que não seja apenas expressão, mas que realmente construa uma linguagem, aí sim, a arte acontece.

▣ E como se dá essa invenção?

IF – No meu caso, passa pelo corpo, pela dança, pelo design, mas sobretudo pela presença da escultura no

espaço real. Meu trabalho não repete, ele descobre. E para descobrir, é preciso se lançar, encontrar aquilo que só cada artista pode criar, aquilo que não tem receita, que não pode ser ensinado. No fim das contas, arte é isso: um processo de individualização, onde cada um precisa inventar o seu próprio caminho.

▣ Como a relação entre controle e acaso, molda a estética dos “Mantos”?

IF – Ao trabalhar com o papel glassine, tradicionalmente utilizado para proteger obras de arte, subverto a função original do material (papel) transformando-o em essência da criação. Inflando, moldando e estruturando o material com ar, água, areia e cola, corpo e presença, desafio suas características inerentes.

O processo envolve uma interação dinâmica entre controle e acaso, onde o gesto físico dialoga com a resistência e a maleabilidade do papel, permitindo vida própria.

“Os Mantos não são apenas objetos. Eles carregam em si a memória do gesto, da ação que os criou. Eu puxo, jogo, solto, empurro. O corpo está presente na obra.”

▣ Como o simbolismo do manto na arte se conecta ao seu trabalho?

IF – Em oposição a essa tradição, eu subverto as expectativas ao criar uma obra que desafia a função do objeto.

Mantos não buscam simular um tecido mas afirmar sua própria materialidade. O papel, que poderia ser

visto como um suporte secundário, pobre, aqui se torna protagonista.

◻ **Porque a presença da cor na exposição?**

IF – Desde o início, eu queria incluir um Manto Vermelho na série, criando um contraste intencional com os demais. O vermelho, cor do sangue e da pulsação, simboliza a vitalidade. Enquanto os outros Mantos sugerem leveza e suspensão, este se impõe com força e densidade. A tensão entre o efêmero e o permanente transforma a fragilidade do material em potência visual, marcando o limiar entre presença e ausência, vida e morte.

O Manto, no contexto da exposição, funciona como um *modus operandi* poético e estético que deu origem a essas obras. Assim, todos são mantos. Ele representa a ação de transformar uma matéria banal, enchê-la de ar e compreender seu potencial – algo que antes eu explorava apenas com estruturas de aço. O Manto revelou sua essência: é a própria operação. É *Fazer o Ar*.

◻ **Qual a importância das “Algas” na exposição?**

IF – A ideia da respiração torna as algas fundamentais. Fomos descobrindo isso ao longo do processo. Essas algas já estavam presentes em trabalhos anteriores mas agora, de alguma forma, se transformaram nelas mesmas.

Em determinado momento, surgiu aquela peça que está no concheo da exposição chamada *Alga Pulmão*.

Pulmão formado por formas côncavas, como se o ar saísse dali.

Há algo muito curioso nisso: como essas algas conseguem, de alguma forma, representar a respiração, o ritmo, a fluidez?

Ao contrário do que se poderia esperar, as obras “*Algas*” não são feitas de materiais leves ou fluidos, mas sim de aço – um material rígido, resistente, que exige precisão e força no seu manuseio. Não há aqui a tentativa de tornar o aço algo que ele não é.

As algas são as grandes responsáveis pela respiração dos seres vivos. A maior parte do oxigênio que respiramos vem delas. Então, no fundo, essa é uma exposição sobre o ar.

Há também um detalhe que faz tudo ganhar um peso ainda maior: esse trabalho surge depois da pandemia, um período marcado justamente pela falta de ar. Sem ser literal ou panfletária, a obra acaba tocando nessa memória coletiva de maneira muito sutil, trazendo uma espécie de contraponto – se antes faltava o ar, agora ele está presente, pulsando na leveza das esculturas.

◻ **Na última sala da exposição, a obra “*Escada*” será exibida pela primeira vez em uma montagem inédita. Criada em 2023, a peça é uma estrutura de aço inox composta por cortes, dobras e solda, formando uma composição que remete a degraus. Instaladas na**

parede e divididas em duas partes, as estruturas serão apresentadas junto a dois vídeos que registram performances suas com seu neto, Bento Dias. Qual o papel da verticalidade na obra “Escada”?

IF – A “Escada” tem essa ideia de verticalidade, como se apontasse para cima, para algo maior. A escada é o símbolo ascensional por excelência em todas as culturas. A escada sobe. Historicamente, essa busca pelo alto foi ligada à espi-ritualidade. Dá até pra pensar

nisso, mas não na dimensão de uma espiritualidade fechada, É algo mais amplo, que atravessa o tempo.

Você chega ao fim da exposição, mas não é um fim definitivo. É um término que não se fecha, que se abre para algo além. Como um gesto que lança para cima, como um movimento que impulsiona. A Escada não apenas termina, ela projeta para o alto, para o ar.

Iole de Freitas no seu ateliê

Foto: Vicente de Mello



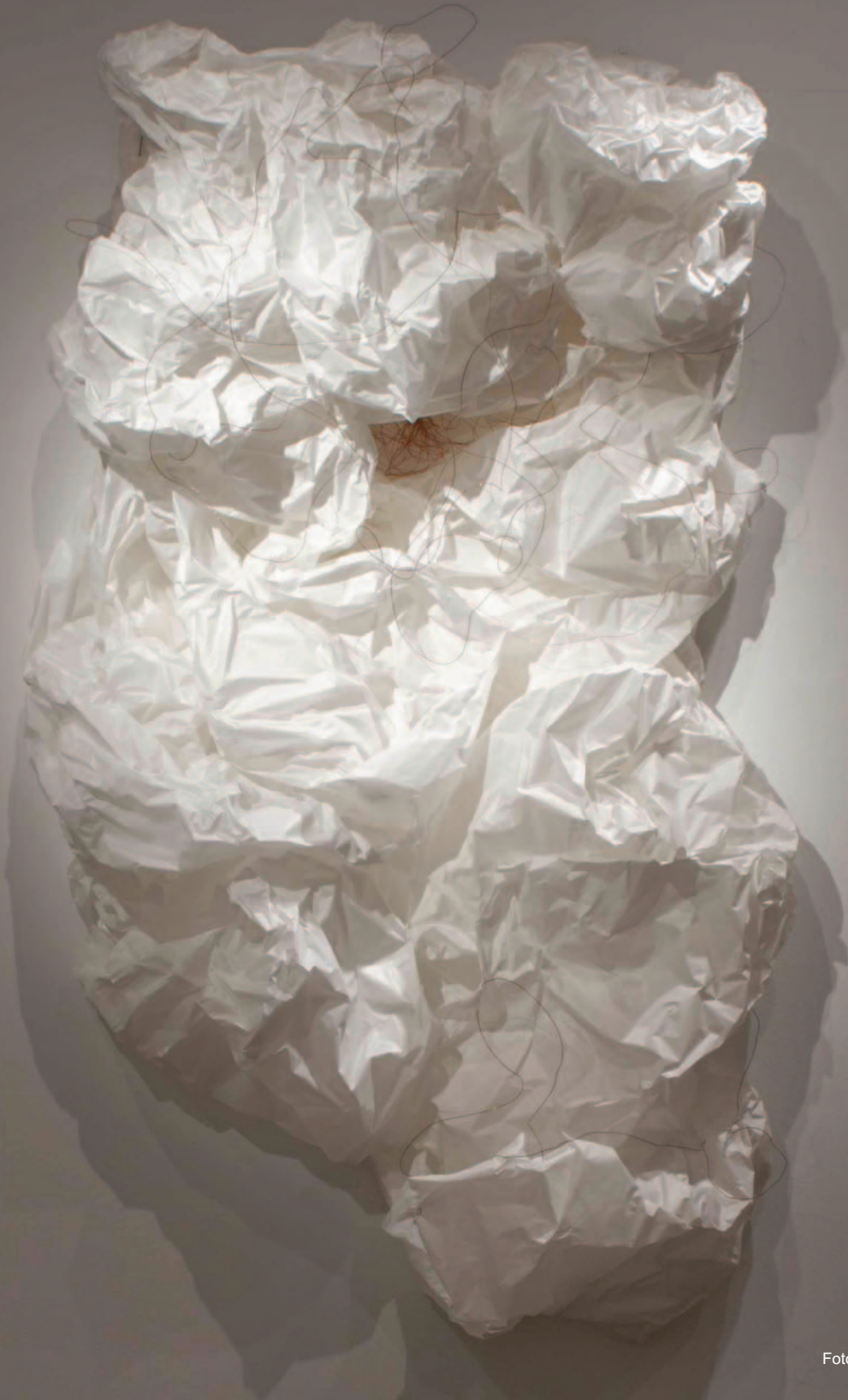


Foto: Vicente de Mello